

O QUE É O PLANEJAMENTO? O ATO DE PLANEJAR PARA AS AULAS DE CIÊNCIAS

José Firmino de Oliveira Neto*

Flávia Damacena Sousa Silva**

Comunicação Oral: Didática, Práticas de Ensino e Estágio

RESUMO

No âmbito escolar, o planejamento é a ação prática onde se prepara o que irá ser realizado, podendo ser na escola como um todo, ou na sala de aula, ganhando um sentido único, pois exige uma organização das ações a serem realizadas para uma efetiva educação, ou seja, aprendizagem. Mediante o apresentado, este trabalho pretendeu caracterizar e analisar como os professores de Ciências entendem e executam o planejamento, e ainda seus anseios, dúvidas e questionamentos sobre a ótica do que propôs a Bimestralidade do Currículo proposta pelo governo do estado de Goiás no ano de 2012. O trabalho trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, sendo o método empregado para alcançar os objetivos o estudo de caso. Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o questionário, o qual foi aplicado para todos os docentes de Ciências da Rede Pública de Iporá, Goiás. Quanto aos resultados é certo que algumas deturpações quanto ao ato de planejar e seu entendimento foram evidenciados, porém os docentes participantes se demonstram comprometidos a seu entender. No que concerne ao planejamento quinzenal o parecer se deu diverso, sendo o ponto de maior crítica o engessamento ocasionado pelo mesmo, bem como não ser um plano real, se tornando sua construção um ato apenas burocrático. Fato positivo apontado foi que os docentes, mesmo antes da obrigatoriedade realizavam o planejamento. Contudo este é um trabalho de caráter preliminar, devido não serem encontrados trabalhos que abordam a temática no campo do Ensino de Ciências, e mais ainda em uma visão da modificação curricular no estado de Goiás. Entende-se assim que o mesmo contribuirá para o entender o docente quanto ao planejar, o levando a uma reflexão sobre sua própria prática de planejar, replanejar e pensar o planejamento.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de Ciências; planejar; currículo; planejamento quinzenal.

INTRODUÇÃO

Acordar, levantar, escovar os dentes, tomar banho e café da manhã, caminhar, trabalhar, almoçar, descansar, estudar, comer, dormir, sonhar são algumas das ações que praticamos diariamente, assim seguimos a máxima de que “de uma forma ou de outra, de uma

*Acadêmico do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá. E-mail: neto.09@hotmail.com.

**Professora do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Goiás, Unidade Universitária de Iporá. E-mail: flaviabio1@yahoo.com.br.

maneira empírica ou científica, o homem planeja” (DALMÁS, 1994; MENEGOLLA & SANT’ ANNA, 2003). Para tanto, o ato de planejar é parte da história do homem (BAFFI, 2002; CASTRO, TUCUNDUVA & ARNS, 2008).

Seguindo o disposto à cima e trazendo para o ambiente educacional, dispõe-se que na escola o planejamento é fundamental, já que o mesmo como coloca Andrade (2008) é imprescindível para o processo de ensino e aprendizagem, sendo um dos fatores prejudiciais a mesma compreensão e aplicação de conceitos (BAFFI, 2002). O planejamento, contudo é o alicerce de toda a ação docente que possibilita o alcance de diversos e diferentes objetivos (TURRA et al, 2004) quanto a aplicação dos conteúdos dispostos no currículo escolar.

Como coloca Haydt (2006, p. 45) planejar é “analisar uma dada realidade, refletindo sobre as condições existentes, e prever as formas alternativas de ação para superar as dificuldades ou alcançar os objetivos desejados”. É assim uma prática mental que envolve reflexão, previsão, análise e tomada de decisões em diferentes níveis, sendo algumas: como ensinar, o que ensinar, de que maneira ensinar. Um ponto relevante a se colocar é que o plano é um documento que sistematiza a ação de planejar (MASETTO, 1997), sendo que quando da construção do mesmo o professor deve entender que a educação está a serviço da sociedade, e assim concatenar as temáticas de seu campo com a vida cotidiana do alunado (LIBÂNEO, 1994).

O planejamento é um meio de democratização e aperfeiçoamento do ensino, assim é fundamental que se faça revisões e reconsiderações quando de suas definições, as quais estão presentes em diferentes trabalhos (LIBÂNEO, 1994; MASETTO, 1997; FUSARI, 1990; DALMÁS, 1994; HAYDT, 2006).

Dado o entendimento conciso do planejamento parte-se para a aplicação do mesmo. Os requisitos para a ação de planejar são: “os objetivos e tarefas da escola democrática; as exigências dos planos e programas oficiais; as condições prévias dos alunos para a aprendizagem; e por fim os princípios e as condições do processo de transmissão e assimilação dos conteúdos” (LIBÂNEO, 1994, p. 226- 230). Os requisitos mínimos para o ato de planejar são ímpares, por buscarem um todo uníssono entre a ação do docente e sua aplicação para efetiva aprendizagem do alunado.

A escola, os professores e os alunos são parte da sociedade que se relacionam em busca de um mesmo fim – a aprendizagem; contudo os elementos do plano (Identificação; objetivos; conteúdos; estratégias; avaliação; cronograma; e bibliografia, segundo Masetto, 1997) sofrem uma alusão social, tendo assim um cunho político (LIBÂNEO, 1994), ou ainda

político-ideológico, visto que, quando de sua construção expomos nele nossos dogmas/princípios (MASETTO, 1997).

Ao longo do tempo o plano de aula vem sofrendo diferentes renovações, assim ganhando uma nova roupagem, o que não leva a perda de significância do mesmo. Na atualidade muito se discute, pela grande utilização pelos docentes, sobre a sequência didática, um tipo de plano onde o docente consegue encaixar os conteúdos a um uma temática e esta em outro, explanando o conteúdo até o fim por formas distintas. Para o Estado de Goiás mediante as reformas de currículo o que se tornou usual, e que é solicitado pela Secretária de Educação do Estado (SEDUC), é o planejamento quinzenal, onde os docentes sistematizam sua ação de planejar na forma de uma tabela, onde são dispostas as expectativas de aprendizagem, conteúdo, estratégia de ensino e avaliação/ instrumento.

Finalizando estas primeiras premissas desta pesquisa coloca-se que no que concerne ao processo formativo, inicial e continuado, este deve dar subsídios para o docente “organizar e procurar soluções adequadas aos problemas de sala de aula e de ajudá-lo a construir o instrumento de produção e controle da aprendizagem: o “planejamento escolar” (PACCA, 1992, p. 42).

Mediante o aqui disposto, este trabalho objetivou caracterizar e analisar como os professores de Ciências da Rede Pública de Iporá, GO entendem e executam o planejamento (Plano de aula), e ainda seus anseios, dúvidas e questionamentos sobre a ótica do que propôs a Bimestralidade do Currículo proposta pelo governo do estado de Goiás no ano de 2012. A relevância da realização deste trabalho se deu mediante o pouco número de trabalhos que se debruçam ao estudo do planejamento, sobretudo no âmbito do Ensino de Ciências.

MATERIAIS E MÉTODOS

ÁREA DE ESTUDO

O estudo ocorreu em todas as Escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública de Iporá, Goiás (16° 26' 31" S 51° 07' 04" W), inserido na região do Oeste Goiano, que se localiza à 216 km da capital do estado Goiânia.

As Escolas foco deste estudo se constituíram em maioria de Instituições da Rede Estadual de Ensino, sendo apenas duas da Rede Municipal, as quais juntas totalizaram dez Escolas.

METODOLOGIA

A abordagem presente neste trabalho é a qualitativa, devido buscar uma “reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo” (OLIVEIRA, 2012, p. 37). As pesquisas de cunho qualitativo apresentam ainda algumas características, Godoy (1995, p. 62), elucida quatro delas, sendo: “1. Ambiente natural como fonte direta de dados, e o pesquisador como instrumento fundamental; 2. Caráter descritivo; 3. Significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida; 4. Enfoque dedutivo”. Neste tipo de pesquisa, como aponta Neves (1996), é comum que os pesquisadores compreendam os fenômenos mediante as perspectivas de seus pesquisados, para posteriormente aplicar sua interpretação sobre os mesmos.

Quanto aos objetivos deste trabalho o mesmo se desta como sendo um estudo de caso, mediante se debruçar ao estudo de um único aspecto, sendo ele o planejamento nas aulas de Ciências. Para Lüdke & André (1986, p. 17) o estudo de caso “é o estudo de um caso, seja ele simples e específico [...], ou complexo e abstrato [...]”.

Para a obtenção dos dados deste trabalho foi utilizado o questionário, método mais empregado (CERVO & BERVIAN, 2002), é caracterizado como sendo um veículo de coleta de informações, mediante um quantitativo ordenado de questões, estas que devem ser respondidas pelos pesquisados sem a presença do pesquisador (MARCONI & LAKATOS, 2009), objetivando maior imparcialidade.

SUJEITOS DA PESQUISA

Os sujeitos desta pesquisa se constituíram de professores que ministravam a disciplina de Ciências em todas as Escolas de Ensino Fundamental da Rede Pública de Iporá, Goiás, durante o período de 2012, 2º semestre. O grupo foi escolhido mediante a vontade do pesquisador em entender como o grupo da área entende os pressupostos que rodeiam o ato de planejar.

Os docentes foram denominados neste trabalho pela letra D, de docente, seguida por um número a eles empregado, como D1, D2, D3, Dn.

Os docentes, um total de 16, foram abordados em suas Escolas durante o período de aula. Previamente ao contato com esses, foi realizada uma fala com a coordenação da Instituição, que recebeu com receptividade o autor deste trabalho. Um total de 81,25% dos docentes, o que equivale ao quantitativo de 13 professores, se dispuseram a responder o instrumento de coleta de dados deste trabalho, sendo apenas 18,75% (três docentes) que se negaram a responder o questionário, como disposto no Apêndice 1.

Os docentes se constituíam em maioria do sexo feminino, sendo apenas um do sexo masculino. Apenas duas docentes trabalhavam em mais de uma instituição de ensino, sendo que uma trabalhava em duas escolas foco deste trabalho. Quanto à formação inicial destes docentes a maioria se constitui de profissionais formados na área em atuação (Ciências), sendo: 46,15% Ciências Biológicas; 23,07% Geografia; 15,38% Matemática; 7,69% Química; 7,69% Letras, esta formação ocorreu em sua maioria na Universidade Estadual de Goiás (69,23%). A atuação de docentes de outras áreas do saber trabalhando com disciplinas incomuns a sua formação é um retrato das escolas públicas do país. O tempo de docência dos docentes pesquisados variou de 10 meses a 19 anos. Um ponto que chamou atenção nas respostas da questão é o fato de uma das docentes ter alegado estar a seis anos trabalhando por via de contrato especial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As respostas produzidas pelos docentes foram transcritas para uma planilha, posteriormente foram analisadas com respaldo de literatura específica. As seis primeiras perguntas do questionário se constituíam de questões de cunho pessoal e profissional dos docentes, as respostas das mesmas foram dispostas no último tópico do percurso metodológico deste trabalho.

Fundamental na produção de um planejamento adequado o entender do mesmo se faz ímpar, o mesmo é apontado por Baffi (2002) como um complicador quando da prática do docente, assim, a questão de número sete do questionário abordava os docentes sobre como os mesmos definem planejamento.

Inicialmente uma das respostas elucidadas (D3) chamou a atenção, não pelo seu caráter de muito bem definir o ato de planejar, mas por apontar três princípios que acredita-se fundamental no processo de construção de um bom plano de aula. A resposta, disposta pelo docente, coloca que planejamento é “*D3. Organização, dedicação. Forma de atualização diária.*”. Assim, se faz necessária uma organização, para bem produzir um plano, e, ainda, se dedicar, e se atualizar constantemente, para ser capaz de produzir um todo simples, direto e prático, ou seja, que atenda aos objetivos propostos.

Muitas das respostas, referidas abaixo, se referem ao planejamento como um momento de preparação de aulas, sendo que poucos elucidam pontos deste plano. Outro apontamento é que o mesmo objetiva alcançar certos objetivos, os quais são estabelecidos primariamente, sendo o norte central da aula, onde se quer chegar com a explanação de um dado conteúdo, o que o discente precisa ter apreendido quando da finalização desse. Em uma das respostas o docente menciona a necessidade de uma relação entre a equipe escolar, o que faz menção a gestores, coordenadores e demais professores, com o docente quando da elaboração do plano.

D2. “É o planejamento que o professor faz das atividades que serão executadas em sala de aula. Para tal é necessário que haja uma interação entre a equipe escolar e o professor.”
(grifos nossos)

D4. “Preparação para ministrar as aulas com organização, metodologia e com qualidade
(grifos nossos)

D6. “Planejamento é o ato de você preparar suas aulas que serão ministradas, alcançando os objetivos propostos.” (grifos nossos)

D7. “É o momento que o professor em conjunto com o coordenador realiza o planejamento (conteúdo).”

D11. “Planejar a aula para ser dada.”

D12. “É o planejamento de como você irá ministrar aulas; inclui planejamento quinzenal, o método de trabalhar as aulas.” (grifos nossos)

Algumas outras respostas, agrupadas abaixo, já demonstram uma preocupação para com os pontos do planejamento, diferindo das respostas colocadas acima, sendo perceptível que estes docentes apresentam um conhecimento maior para com o planejar.

D5. *“É a organização dos conteúdos, das metodologias e das avaliações necessárias para atingir os objetivos propostos.”* (grifos nossos)

D8. *“Selecionar e organizar objetivos, conteúdos, metodologias e formas de avaliar, visando um melhor ensino-aprendizagem.”* (grifos nossos)

D9. *“É a organização dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula.”* (grifos nossos)

Alguns autores (LIBÂNEO, 1994; TURRA et al, 2004; LIBÂNEO, 2008; SENAC, 2009) colocam a reflexão como crucial no processo de construção de um plano, para Libâneo (1994) o planejamento é um processo de reflexão sobre nossos atos e escolhas. Na resposta do docente D1, o planejamento é apontado como reflexivo, o que corrobora com o dizer de Senac (2009), que coloca a reflexão como um processo que permeia o antes e o depois do planejamento, fazendo alusão a atividades já ocorridas, e que ainda irão ser realizadas, e, por fim, a caminhos que se tomará para que a aprendizagem ocorra. Um dos princípios dispostos por Freire (2011) como fundamental para o exercício professoral é a crítica sobre a prática, sendo assim mais um apontamento de que a mesma é fundamental.

D1. *“Reuni todas as ações e situações para que o professor possa aplicar no cotidiano da sala de aula, lembrando que **ele deve ser reflexivo.**”* (grifos nossos)

Para Masetto (1997) planejamento é também um roteiro e assim um instrumento de trabalho, acrescentaria aqui a palavra fundamental, por entender que não há como o docente realizar sua atividade profissional sem antes planejar. É um guia de orientação que deve apresentar uma ordem correta, objetividade, coerência e flexibilidade (LIBÂNEO, 1994). As colocações vão em roga com o transcorrido por D10, que coloca o mesmo como roteiro que norteia o docente.

D10. *“Planejamento pedagógico é o roteiro que serve como apoio ao professor, direcionando e conduzindo todo o trabalho didático.”* (grifos nossos)

Uma das respostas, transcrita abaixo, aponta o planejamento como sendo ações que podem ser alteradas, lembrando um princípio fundamental, no qual se coloca que o plano não é um todo engessado, e sim maleável. É necessária a avaliação das decisões tomadas, a revisão das ações ou mesmo a modificação destas quando entendido a necessidade (SENAC, 2009).

D13. *“São ações descritas que podem ser alteradas de acordo com a necessidade dos alunos.”* (grifos nossos)

Para tanto, a ação de planejar aqui transcorrida deve ser entendida pelos docentes como um processo que contribui para o alcance dos objetivos esperados; superação de dificuldades e ainda o domínio da improvisação (HAYDT, 2006).

Na questão de número oito, a qual arguia os docentes sobre o que pensam em relação ao planejamento quinzenal exigido pelo governo, as queixas contra a imposição parecem fazer eco, sendo poucos os que colocaram o planejamento como algo positivo. A resposta do docente D1, abaixo, talvez sintetize as respostas dos outros docentes, sendo que não apresenta uma carga maior para nenhum lado (positivo ou negativo), apenas coloca que o planejamento é trivial para a prática docente e a questão de se obrigar a realizá-lo é o motivo para muitos docentes não quererem realizar o mesmo. Fechando seu apontamento, esse mesmo docente coloca que o engessamento é algo que prejudica, visto as disciplinas terem padronagens distintas.

D1. *“Essa obrigatoriedade surgiu, infelizmente, devido à falta de planejamento por parte de muitos docentes e isto está refletindo no processo de ensino-aprendizagem, o planejamento é*

uma atribuição do professor, só não gosto deste ser engessado a formatos e prazos, cada disciplina tem seu ritmo e desta forma fragmenta-se as ideias". (grifos nossos)

Para os docentes que condenam o planejamento quinzenal, as justificativas se dão mediante o sufocamento trago pelo mesmo. O fato se explica por o docente ter uma carga de trabalho muito grande, e assim ter de realizar muitos planos o que o deixa sobrecarregado ao extremo. Um ponto de reflexão é que há necessidade de mudanças em todo o sistema.

D3. *"Sufocante: em decorrente, as formas que são cobrados"*.(grifos nossos)

D5. *"Planejar é essencial para a eficácia do trabalho docente, porém o planejamento quinzenal não facilita o trabalho, pelo contrário.Sou a favor do planejamento real, condizente com a realidade das aulas que ministro"*. (grifos nossos)

D7. *"No meu ponto de vista o planejamento quinzenal não dá certo, pois em 15 dias se acontecem muitos imprevistos o melhor seria acontecer semanalmente"*. (grifos nossos)

D11. *"Muito ruim, cansativo e estressante"*. (grifos nossos)

D12. *"Muito cansativo para o professor, que além de corrigir provas, fazer diário, elaborar atividades tem de fazer o planejamento quinzenal. Uma grande sobrecarga"*. (grifos nossos)

D13. *"Por um lado foi bom pelo fato de organizar ainda mais nosso trabalho, mas por outro é desafio enquanto material pedagógico"*. (grifos nossos)

Uma das colocações foi intrigante, sendo esta a fala de um docente que coloca que o planejamento é um desafio enquanto material pedagógico.Entretanto, acredita-se que não há de ser desta maneira, visto que, deve se consistir em um facilitar do trabalho docente. Sua função é de organizar e preparar os momentos pedagógicos que ocorreram na sala de aula (SENAC, 2009); é um instrumento de propagação de todo o trabalho do docente (LIBÂNEO, 1994).

A palavra imposição, segundo o dicionário, é uma ação de impor, determinar algo, a palavra transcrita em duas afirmativas, reflete o caráter obrigatório da realização do planejamento quinzenal. Sendo que para estes docentes ações que são impostas muitas vezes

não são bem quistas e não funcionam. É perceptível ainda que o fato de ser algo colocado como obrigatório é o que coloca os docentes contra este tipo de planejamento.

*D8. “Sabemos da importância de cada profissional realizar o seu planejamento. Temos compromisso e responsabilidade e acredito que **tudo que é imposto, não é bem visto**”.* (grifos nossos)

*D9. “É a imposição que eu não vejo muita vantagem para a escola, porque **cada professor deve saber de suas obrigações e compromissos na escola com a aprendizagem**”.* (grifos nossos)

Para os docentes que concordam com a realização do plano como tal, afirmam que é papel do docente planejar, preparar sua ação pedagógica, como já transposto neste trabalho e ainda que o mesmo facilita o funcionamento individual do docente, e, para tanto, o coletivo da Escola funcionando como um organizador. O planejamento é assim colocado nestas afirmativas, dispostas logo abaixo, como eixo central da Escola.

*D4. “É certo, é papel do educador **organizar-se, planejar** para que suas aulas sejam qualitativas”.* (grifos nossos)

*D6. “Não julgo esta maneira de se trabalhar, pois **sempre fiz meu planejamento semanal, então continuo trabalhando da mesma forma**”.* (grifos nossos)

*D10. “Importante, pois **organiza todo o trabalho individual e coletivo dentro da unidade escolar**”.* (grifos nossos)

Em suma, o que se percebeu durante a aplicação do questionário é que os docentes consideram a questão de número sete difícil de ser respondida e a questão de número oito comprometedoras. A primeira indicando falta de conhecimento por parte dos docentes. Já a segunda que os mesmos entenderam que suas respostas poderiam prejudicar seu trabalho, por crerem que a resposta poderia confrontar com as ideias colocadas pelo governo, já que é uma atribuição proporcionada pelo mesmo.

Ainda no que concerne ao planejamento e suas percepções a questão de número nove perguntava aos docentes qual a finalidade do planejamento anual, ou mesmo plano de ensino, como elucidado por Libâneo (1994), que realizam no início do ano letivo, ainda durante a chamada Semana Pedagógica. Para o autor o plano de ensino “é um roteiro organizado das unidades didáticas para um ano ou semestre” (LIBÂNEO, 1994, p. 232). Todas as afirmativas caminham em um mesmo sentido, corroborando com a colocação do autor como sendo um indicador dos conteúdos que serão trabalhados ao decorrer do ano.

*D1. “Neste, **organizamos o currículo ao longo do ano**, e este é muito importante para a organização do trabalho, e **deve também ser reflexivo**, à medida que surge necessidade”.* (grifos nossos)

D3. “Forma de garantir o andamento que se trabalha durante os bimestres”. (grifos nossos)

*D4. “**Organizar os conteúdos e habilidades a serem trabalhadas ao longo do ano**, observando as necessidades da sala de aula”.* (grifos nossos)

D5. “Estabelecer os conteúdos a serem trabalhados no ano letivo.” (grifos nossos)

D6. Fazer levantamento do que vai ser trabalhado durante todo o ano. (grifos nossos)

Com relação à décima questão, a qual perguntava se os docentes consideram que a nova proposta de ordenação do currículo escolar facilita o processo de planejamento, 92,30% colocaram sim, os outros 7,69% não. Para os docentes que responderam sim, a justificativa se dá mediante auxiliar o professor sobre um dado conteúdo; por facilitar caso um aluno se mude, visto que, na nova escola (se no Estado) está seguindo o mesmo ordenamento, evitando problemas como o aluno ter que ver novamente algum conteúdo e não estudar outros que seriam fundamentais. Mesmo alegando que facilita, um dos docentes dispôs uma problemática, alegando que os conteúdos dispostos são muitos, o que dificulta que todos sejam expostos.

D5. “Sim. Em partes: ao seguir a proposta do currículo as escolas têm a oportunidade de trabalharem uma mesma sequência; porém muitas vezes os conteúdos propostos para o bimestre são muitos e não dá tempo.” (grifos nossos)

D6. “Sim; pois se por acaso os alunos mudarem de uma região para outra não serão prejudicados.” (grifos nossos)

D10. “Sim; pois orienta e conduz os passos sobre determinado conteúdo, podendo fazer adaptações e projetos a longo e curto prazo.” (grifos nossos)

Os currículos apresentam uma ordenação para os conteúdos que muitas vezes são únicas, visto a realidade em que foram produzidos e ainda o momento histórico por que passa a sociedade. Assim, difere da ordenação, em maioria, proposta por autores de livros didáticos. O novo currículo não é diferente. A falta de um material que seja igualitário ou próximo ao currículo é ponto de queixa pelos docentes, como se pode perceber em duas das respostas abaixo, que mesmo sendo contrárias apontam para o mesmo sentido.

D8. “Sim, porque devemos planejar e trabalhar os conteúdos de acordo com esta proposta, muitas vezes o que dificulta é a falta de material para ser trabalhado”. (grifos nossos)

D13. “Não; porque muitas vezes não encontramos material para suporte pedagógico.” (grifos nossos)

Mediante a falta de um material que siga a sequência, os docentes necessitam buscar e produzir novos materiais. Com o excesso de trabalho desses docentes, o fato se coloca como um problema e claro, uma preocupação para os mesmos e todos os que se preocupam com uma educação de qualidade. O tempo escasso pode fazer com que os docentes não se debrucem da maneira necessária na pesquisa de materiais, levando assim textos e demais, desatualizados para a sala de aula ou mesmo com dados errôneos, gerando novos problemas, não por vontade própria, mas por escassez de tempo para uma busca mais profunda. O que facilitaria seria um banco de dados fornecido pelo Governo, em nota o mesmo alegou que para o ano de 2013 será disponibilizado um site com materiais.

Durante o delinear da construção desta pesquisa um fato que se deu interessanteforam às respostas dos docentes ao questionamentose já realizavam o planejamento anteriormente a obrigatoriedade.Esse questionamento foi feita na pergunta de número 11. Todos os docentes (100%) afirmaram que já realizavam o planejamento. Os dados aqui levantados vão de acordo com o trabalho de Oliveira-Neto, Santos, Silva (2012) que em pesquisa com professores de Biologia também encontraram o mesmo percentual, sendo que para este trabalho os autores também arguíam os docentes sobre o tempo de planejamento, aqui não discutido.

Na questão seguinte (12) perguntando aos pesquisados sobre o ato de replanejar, tão importante como o de planejar, todos (100%) disseram realizar a ação. A justificativa para a ação se dava na questão 13, sendo que perguntava o que leva o docente a replanejar, modificar algo que já foi previamente pensado. O que alegam fazê-los modificar seus planos de aula é: não atingir objetivos previamente traçados; necessidades dos discentes, colocação ampla, mas que reflete problemáticas para aprendizagem de um conteúdo; mudanças no cronograma da instituição, e outros, elucidados nas afirmativas transcritas logo abaixo.

D1. “Sempre penso na aprendizagem dos alunos, se não alcanço o objetivo, repenso e me reorganizo.” (grifos nossos)

D2. “Um conteúdo pode ser trabalhado de várias formas e talvez a forma escolhida não atinge ou alcança os objetivos com os alunos.” (grifos nossos)

D5. “Os objetivos a serem alcançados pela maioria dos alunos.” (grifos nossos)

D8. “Será feito de acordo com as necessidades dos alunos e/ou das turmas que estão sendo trabalhadas.” (grifos nossos)

D10. “Vários motivos ou situações. Alteração no calendário; desempenho da turma, eventos na escola, etc.” (grifos nossos)

D12. “As dificuldades de aprendizagem dos alunos.” (grifos nossos)

Em uma das respostas o docente se auto culpa, colocando que se há algum culpado nesse processo, o mesmo é ele, alegando que o replanejamento é decorrência de um

plano não ter dado certo, como sendo o produtor deste plano entende-se que está se criticando, se culpando realmente por esta “falha”.

D6. “O caso replanejar depende da questão de **algum planejamento não ter dado certo**”.
(grifos nossos)

A aprendizagem é algo inerente a espécie humana, sendo que para nós o aprendizado “é construir, reconstruir, contatar para mudar, o que não se faz sem abertura ou risco e à aventura do espírito” (FREIRE, 2011, p. 68). Entende-se que ao ensinar, professor e alunos estão em processo de aprender se fazendo necessário que quando a mesma não ocorra, para ambos os lados, ou para um somente, que todo o processo seja repensado. No âmbito da escola, a forma de repensar e reconstruir são proporcionadas pelo procedimento de replanejar.

O que facilita a elaboração dos planos nas Escolas é o modelo de plano que as mesmas possuem. O modelo não exige os docentes de uma preocupação, pois esta se dá não somente no âmbito de divisão do plano, mas sim no delinear de um caminho que deve alcançar uma vitória ao seu final, que é a aprendizagem. Ao investigar na questão de número 14 quais os itens os docentes pensam quando vão elaborar seus planos encontra-se um cenário diversificado, como se apresenta na tabela 2.

Tabela 2. Itens apontados pelos docentes quando da elaboração de seus planejamentos.

Itens apontados pelos docentes	Quantitativo de docentes que marcaram o item
Avaliação	100%
Embasamento teórico	46,15%
Exposição do conteúdo	92,30%
Materiais disponíveis para aulas práticas	69,23%
Metodologia	92,30%

Processo de aprendizagem dos alunos 92,30%

Tempo para ministrar o conteúdo 84,61%

O item mencionado por todos os docentes é a avaliação, com maior percentual, seguida pela exposição do conteúdo, metodologia empregada para transmitir o conteúdo, e o processo de aprendizagem dos discentes; sendo o menos mencionado o embasamento teórico. Todos os itens dispostos nas alternativas da questão, durante as aulas, se entrelaçam, não devendo haver uma valorização de um ou de outro, mas do entendimento que todos são importantes para o delinear do percurso de aprendizagem, bem como de seu desfecho final.

“Avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória nem seletiva, ao contrário, é diagnóstica e inclusiva” (LUCKESI, 2002, p. 83). Para tanto, o docente deve ser conhecedor destas formas e concepções do processo avaliativo, que se atrelam com as “funções e objetivos do fazer avaliativo” (SILVA, 2011, p. 23), para assim levar o discente por meio desta a aprendizagem, e não que a mesma funcione como um item apenas de classificação, sem sentido algum para o alunado.

O modo utilizado para expor o conteúdo, está atrelado a metodologia utilizada, ambos são o caminho para a aprendizagem, assim o modo como o docente expõe, através de sua argüição, o conteúdo deve ser claro e limpo, o que não significa que a terminologia correta não seja empregada, sendo que na atualidade se faz de suma importância o domínio da linguagem e de conhecimentos científicos para a compreensão de um rol de informações que são dispostas na mídia (ANDRADE, CUNHA, BARBOSA, 2011).

O item menos marcado, como disposto acima, é o embasamento teórico, porém, mesmo não sendo considerado um dos itens mais importantes, é de suma importância que o docente se atente para o mesmo, pois se não conhece o assunto que vai discorrer não conseguirá encontrar metodologias, avaliações, e outros meios adequados. O embasamento teórico é entendido neste trabalho como fundamentação para exposição de conteúdo referente à disciplina de Ciências, e ainda, um embasamento de cunho educacional, como exemplo cita-se o entendimento do que é Ciência, pois como aponta RABONI (2002, apud Viveiro & Zancul, 2012, p. 4) “é pouco provável que o professor tenha propostas inovadoras para desenvolver conteúdos científicos se ele próprio possui ideias arraigadas de que ensinar Ciências é transmitir conhecimentos prontos, respostas corretas”.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa possibilitou caracterizar e analisar como os professores de Ciências da Rede Pública de Iporá, Goiás entendem e executam o planejamento, e ainda questões ligadas a nova reformulação do currículo no estado. Posto isso, considera-se o objetivo deste trabalho alcançado.

É certo que algumas deturpações quanto ao ato de planejar e seu entendimento foram evidenciados, porém os docentes participantes se demonstram comprometidos a seu entender. Quanto ao planejamento quinzenal o parecer se deu diverso, sendo o ponto de maior crítica o engessamento ocasionado pelo mesmo, bem como não ser um plano real, se tornando sua construção um ato apenas burocrático. Fato positivo apontado foi que os docentes, mesmo antes, da obrigatoriedade realizam o planejamento. Os pontos do planejamento devem ser pensados conjuntamente, todos são ímpares para o processo de ensino-aprendizagem.

Finaliza-se o trabalho com o questionamento, “Planejar ou não planejar o ensino” (MENEGOLLA & SANT’ANNA, 2003), porém ressalta-se que o mesmo não pode perpassar o pensamento do docente, visto que, o planejamento é um processo de preparação fundamental para o exercício de dar aula, sem ele à mesma não funcionará.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. G. Planejamento e Plano de Ensino de Química para o Ensino Médio: concepções e práticas de professores em formação continuada. São Paulo, 2008. 275 p. Dissertação de Mestrado em Ensino e Ciências - Programa de Mestrado em Ensino de Ciências da USP, 2008. Disponível em: <http://www.cienciamao.usp.br/tudo/exibir.php?midia=eneq&cod=_planejamentoeplanodeensino>. Acessado em: 19 de janeiro de 2013.

ANDRADE, V. A.; CUNHA, K. M. C. B.; BARBOSA, J. V. “Pajitex”: uma proposta de modelo didático para La enseñanza de ácidos nucleicos. *Revista Eureka sobre Enseñanza y Divulgación de las Ciencias*, nº 8, v. 1, 115-124 p., 2011. Disponível em: <<http://reuredc.uca.es/index.php/tavira/article/view/117/0>>. Acessado em: 26 de janeiro de 2013.

BAFFI, M. A. T. *O planejamento em educação: revisando conceitos para mudar concepções e práticas*. In.: BELLO, José Luiz de Paiva. *Pedagogia em Foco*, Petrópolis, 2002. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/fundam02.htm>>. Acesso em: 19 de janeiro de 2013.

CASTRO, P. A. P. P.; TUCUNDUVA, C. C.; ARNS, E. M. A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente. *Athena*, v. 10, n. 10, 2008. p. 49- 62.

CERVO. A. L. & BERVIAN. P. A. *Metodologia Científica*. 5ªed. São Paulo: Prentice Hall, 2002. 228 p.

DÁLMAS, A. *Planejamento participativo na escola: elaboração, acompanhamento e avaliação*. 12º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 142 p.

FUSARI, J. C. *O planejamento da educação escolar; subsídios para ação-reflexão-ação*. São Paulo, SE/COGESP, 1990.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à práticas educativas*. São Paulo: Paz e Terra, 2011. 143 p.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 2, 1995. p. 57 – 63.

GOIÂNIA. Reorientação Curricular do 1º ao 9º ano. Secretaria de Educação de Goiás. Goiânia: SEDUC, 2009.

HAYDT, R. C. C. *Curso de Didática Geral*. 8º ed. São Paulo: Ática, 2006. 327 p.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994. 263 p.

LUDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. *Eccos revista científica*, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 79-88, 2002.

MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. *Fundamentos de Metodologia Científica*. 6º ed. S Paulo: Atlas, 2009.

MASETTO, M. *Didática: A aula como centro*. 4º ed. São Paulo: FTD, 1997. 111 p.

MENEGOLLA, M.; SANT'ANNA, I. M. *Por que planejar? Como planejar? Currículo-Área-Aula*. 13º ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 159 p.

NEVES, J. L. Pesquisa Qualitativa – características, usos e possibilidades. *Caderno de pesquisas em administração*. São Paulo, v. 1, nº 3, 2 sem., 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acessado em: 15 de novembro de 2012.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 4º ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2012. 182 p.

OLIVEIRA-NETO, J. F.; SANTOS, B. A. B.; SILVA, F. D. S. Métodos e percepções pedagógicas de docentes de Biologia da rede pública da cidade de Iporá, Goiás. *Revista da SBEnBio/ Associação Brasileira de Ensino de Biologia*. v. 5. São Carlos, SP: SBEnBio, 2012.

PACCA, J. L. A. O profissional de educação e o significado do planejamento escolar: problemas dos programas de atualização. *Revista Brasileira de Ensino de Física*, 14(1), 1992.

SENAC. DN. *Planejamento e Avaliação: subsídios para a ação docente*. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2009. 112 p.

SILVA, F. D. S. Avaliação da aprendizagem no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da UEG – Unidade de Iporá: Uma leitura de docentes e discentes. Goiânia, 2011. 129 p. Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática - Programa de Mestrado em Educação em Ciências e Matemática da UFG, 2011. Disponível em: <http://mestrado.prppg.ufg.br/uploads/97/original_Disserta..._1_.pdf>. Acessado em: 25 de janeiro de 2013.

TURRA, C.; SANT'ANNA, F.; ENRIGONE, D.; ANDRÉ, L. *Planejamento de Ensino e Avaliação*. 11º ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004. 304 p.

VIVEIRO, A. A. & ZANCUL, M. C. S. Ensino de ciências nos anos iniciais da escolarização: um projeto de investigação sobre as concepções e práticas de licenciandos em Pedagogia como subsídio para elaboração de uma proposta formativa. *Revista da SBEnBio/ Associação Brasileira de Ensino de Biologia*. v. 5. São Carlos, SP: SBEnBio, 2012.